

**Denis Frota**



**TEMPLOS PAGÃOS**



COMUNIDADE DE NOVA VIDA

# TEMPLOS PAGÃOS

Uma Jornada na História e no Mistério

PR DENIS FROTA

07/05/2024

Uma jornada na história bíblica dos templos de nações pagãs no Antigo e no Novo Testamento.



# TEMPLOS PAGÃOS

## Citados Na Bíblia

"Vocês são minhas testemunhas", declara o Senhor,"e meu servo, a quem escolhi, para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim. Isaías 43:10

Os templos pagãos são estruturas religiosas que foram construídas e utilizadas por culturas antigas para adoração de suas divindades. Esses templos eram considerados sagrados e o centro das práticas religiosas e rituais dessas civilizações.



Os templos foram construídos de acordo com as crenças e tradições de cada cultura, e muitas vezes adornados com esculturas, pinturas e outros elementos artísticos. Eles eram geralmente construídos em locais estratégicos, como colinas, montanhas ou margens de rios, e eram projetados para serem imponentes e grandiosos. Considerados a morada das



divindades, os templos eram frequentemente visitados pelos fiéis para fazer oferendas, orações e participar de rituais religiosos.

A Bíblia faz referência a vários templos pagãos que foram construídos por diferentes povos e culturas. Essas menções geralmente são feitas para condenar a adoração de ídolos e deidades pagãs, consideradas falsas e contrárias à adoração do Deus verdadeiro. A Bíblia também relata episódios em que os profetas e líderes religiosos de Israel lutaram contra a influência dos templos pagãos e tentaram purificar a adoração do povo.

Muitos templos e cidades em ruínas citadas na Bíblia foram redescobertos em outras nações. Os trabalhos arqueológicos confirmaram a existência destes locais antigos, fornecendo informações valiosas sobre os contextos históricos e religiosos mencionados na Bíblia. Essas redescobertas enriquecem ainda mais nossa compreensão das narrativas bíblicas.

Sabemos que os templos pagãos tiveram uma influência significativa na cultura e na arte ao longo dos séculos, portanto, estudar sobre esses templos é um exercício importante para a compreensão da história das religiões e culturas antigas... mas, isso não é tudo.

Neste estudo iremos descobrir os relatos bíblicos dos Templos Pagãos de Outras Nações, onde crenças históricas se chocaram e culturas se entrelaçaram em cultos antigos. Do Templo de Dagom aos Templos de Baal, analisaremos as histórias intrigantes desses locais de culto no intuito de descobrirmos o real significado dos mesmos na história bíblica e o seu significado espiritual para os dias atuais.



Vamos explorar os templos dedicados a deuses como Astarote, Quemus, Moloque e as divindades egípcias, moldando a paisagem religiosa da época.

Se você deseja conhecer as crenças, práticas e valores das civilizações antigas, e o mais importante, ampliar a sua compreensão do poder da influência do paganismo sobre os povos, ontem e hoje...

Junte-se a nós nesta jornada enquanto desvendamos os segredos e lançamos luz sobre esses antigos templos que deixaram uma marca resistente nas páginas da Bíblia. Você está pronto para descobrir as histórias ocultas por trás dos Templos de Outras Nações?



## O Templo de Astarote

Astarote era um divindade pagã adorada na antiga Síria, Fenícia e Canaã. A influência de outros povos causou uma série de variações no nome: Astar, Asterate, Asterath, Astorate, Asterote, Astorete, Astartes, etc.

Vários povos na antiguidade rendiam culto a esta esta entidade fêmea, cônjuge de Baal. Assim como Baal era representado pelo sol, Astarote era representada pela lua. Astarote era conhecida como a deusa da fertilidade, da sexualidade, do amor e da guerra.

Astarote tinha templos dedicados à beleza e à sexualidade.

A idolatria à Astarote foi um tormento a Israel desde os tempos de Moisés. Devido ao domínio incompleto de Canaã, muitos israelitas passaram a adorar a deusa caananita, o que era reprovável aos olhos de Deus (Juízes 3:7, Juízes 6:28, Juízes 10:6).

Depois da morte de Saul, os filisteus levaram a sua armadura ao templo de Astarote (1 Samuel 31:10). Até Salomão - quando caiu em idolatria - passou a participar dos cultos a deusa pagã (1 Reis 11:4-5). O rei Salomão, conhecido por sua sabedoria e número excessivo de esposas, construiu templos para Astarote e outros deuses, o que era contra a Lei Mosaica. Parecia que o rei Salomão colecionava deuses da mesma forma que algumas



peças hoje manifestam devoção a vários deuses, santos, guias e protetores.

O Rei Salomão, famoso pela sua sabedoria, fez muitas coisas impressionantes durante o seu reinado. No entanto, seu fascínio por colecionar deuses acabou por desencaminhá-lo. Astarote, a deusa que representa a beleza e o amor, capturou a atenção de Salomão e tornou-se o foco de sua devoção. Apesar de sua sabedoria, ele não conseguiu reconhecer as consequências de suas ações e o impacto que elas teriam em seu reino.

“Salomão mostrou seu amor por muitas mulheres estrangeiras, bem como pela filha do Faraó: mulheres moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hititas. Elas eram de nações sobre as quais o Senhor havia dito aos israelitas :'Vocês não devem se casar com elas, porque certamente converterão seus corações após seus deuses'. Mesmo assim, Salomão apegou-se àquelas mulheres com amor. O rei tinha setecentas esposas de origem real e trezentas concubinas, e suas mulheres o desencaminharam.”- 1 Reis 11:1-3.

A paixão do rei Salomão pela beleza e pelo amor levou à sua queda. Em vez de permanecer fiel ao único Deus verdadeiro, ele sucumbiu ao fascínio de outros deuses e aos desejos de suas muitas esposas. A construção de templos para Astarote e outras divindades tornou-se um símbolo de sua desobediência e da diluição da fé de Israel.

As consequências das ações de Salomão foram significativas e de longo alcance. A sua excessiva coleção de esposas e deuses não só manchou o seu próprio legado, mas também dividiu o reino de Israel, plantando as sementes para a sua eventual queda.



O rei Acabe, que tinha cerca 400 profetas devotos a Astarote (1 Reis 18:19).

O Templo de Astarote serve como um lembrete claro dos perigos de uma aliança matrimonial com cônjuge que não professe a fé no verdadeiro Deus. Mostra também as consequências que advêm de colecionar deuses em uma busca equivocada pela beleza e pelo amor.



## Os Templos de Baal

Baal significa “senhor”. Além do deus principal Baal, vários lugares tinham seus “senhores” favoritos. Esses deuses eram chamados baalins.



Casa de Baal em Samaria: Mencionada em 2 Reis 10:28-29, este templo era o centro do culto a Baal no Reino do Norte de Israel.

Baal era o deus principal dos cananeus, que supostamente era o deus da chuva, das tempestades e da fertilidade. Seu culto



envolvia oferendas, prostituição e mutilação. Os rituais de adoração a Baal eram repugnantes.

Nos dias do ministério de Jesus nesta terra algumas pessoas chamavam de Belzebu, o príncipe dos demônios (Mateus 12:24). Belzebu é uma variação de Baal-Zebube, um dos nomes de Baal (2 Reis 1:2).

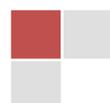
Templos dedicados a Baal estavam espalhados por toda a região de Canaã, servindo como centros movimentados de atividades religiosas e celebrações extravagantes em sua homenagem.

Esses templos eram famosos por hospedar festas e rituais selvagens, onde os devotos participavam de música, dança, festejavam e até mesmo se entregavam a excessos. Os seguidores de Baal acreditavam que estas festividades trariam prosperidade, fertilidade e proteção.

Vários reis de Judá e Israel promoveram o culto a Baal. O mais famoso foi Acabe, que casou com Jezabel, uma adoradora radical de Baal. Acabe construiu um templo a Baal em Israel e Jezabel sustentava centenas de sacerdotes de Baal. Os dois perseguiram os profetas de Deus.

O profeta Elias enfrentou os profetas de Baal no monte Carmelo. Quando fogo de Deus consumiu o sacrifício de Elias, ele matou os profetas de Baal, com o apoio do povo (1 Reis 18:38-40). O rei Jeú matou a família de Acabe e os restantes ministros de Baal e destruiu seu templo.

Contudo, o profeta Elias, um servo devoto do Deus de Israel, ficou cara a cara com a crescente influência da adoração de Baal na terra. Ele desafiou os profetas de Baal para um confronto sobrenatural no Monte Carmelo, com o objetivo de revelar o



verdadeiro poder do Deus a quem servia e expor a fraqueza de Baal.

“Até quando vocês vão oscilar entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, siga-o; mas se Baal é Deus, siga-o”. – Elias ( 1 Reis 18:21 )

O confronto épico se seguiu, enquanto os profetas de Baal tentavam incansavelmente convocar a intervenção de seu deus, mas sem sucesso. Numa dramática reviravolta nos acontecimentos, Elias invocou o Deus de Israel, e fogo desceu dos céus, consumindo sua oferta no altar diante dos olhos de todos que testemunharam.

A demonstração sobrenatural demonstrou o poder e a autoridade do Deus de Israel, destruindo a crença na capacidade de Baal de proteger e prover. Foi um momento profundo que deixou os profetas de Baal derrotados e os israelitas maravilhados com a supremacia do seu Deus. Foi um momento profundo que deixou os profetas de Baal derrotados e os israelitas maravilhados com a supremacia do seu Deus.

Através deste confronto sobrenatural, os Templos de Baal perderam a credibilidade e a influência que outrora exerciam sobre o povo. Apesar da sua grandeza e celebrações vibrantes, acabaram por ser reveladas como estruturas impotentes dedicadas a um falso deus.

O rei Ezequias também tentou eliminar o culto a Baal. Mas os israelitas somente pararam de adorar Baal depois do exílio na Babilônia.



A história dos Templos de Baal serve como um lembrete do conflito entre as crenças antigas e o compromisso inabalável de profetas como Elias em defender a adoração do único Deus verdadeiro.



## O Templo de Dagom

A divindade pagã Dagom ou Dagon, é de origem fenícia, e foi adorado por diversos povos cananeus e mesopotâmicos.

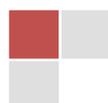
Templo de Dagom em Gaza: Descrito em Juízes 16:23 e 1 Samuel 5, este templo era dedicado ao deus filisteu Dagon.

Frequentemente retratado como uma divindade com corpo humano e com calda de peixe, similar as sereias. Era associado a agricultura e pescaria, principal fonte de riquezas dos povos cananeus e mesopotâmicos, sendo considerado o deus da prosperidade pelos povos que o cultuavam.

Templos de adoração foram construídos em diversas cidades fenícias e mesopotâmicas, mesmo sendo uma divindade menos cultuada do que Baal e Astarote, por exemplo. A Bíblia nos relata que um grande templo para adoração a Dagom existiu na cidade de filisteia de Asdode.

O Templo de Dagom, dedicado ao deus dos filisteus, é um dos intrigantes locais antigos de culto mencionados na Bíblia.

A primeira menção a Dagom na Bíblia, ocorre no capítulo 16 do livro de Juízes. No qual Sansão, então juiz israelita, foi capturado pelos filisteus e levado para o templo de adoração a Dagom na cidade de Gaza.



Sansão foi humilhado, teve seus olhos furados e ficou acorrentado a duas colunas do templo, enquanto os chefes filisteus comemoravam sua captura. O texto nos diz que o juiz pediu força a Deus uma última vez. O Senhor lhe concedeu força e Sansão fez com que o templo desmoronasse sobre os filisteus, matando todos.

Acredita-se que essa derrota do juiz Sansão sobre os filisteus fez com que os exércitos inimigos reduzissem consideravelmente, diminuindo por alguns anos os conflitos entre os israelitas e as cidades filisteias.

Outro episódio é realçado num incidente cômico envolvendo a Arca da Aliança.

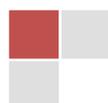
“E quando o povo de Asdode se levantou cedo no dia seguinte, eis que Dagom havia caído com o rosto em terra diante da arca do Senhor. Então eles pegaram Dagom e o colocaram de volta em seu lugar”. –1Samuel 5:3 (NVI)

De acordo com este relato bíblico, a Arca da Aliança foi guardada no Templo de Dagom durante a noite. Contudo, quando os filisteus entraram no templo na manhã seguinte, encontraram a imagem de escultura de Dagom, seu deus, caída de cara diante da arca. De acordo com a Bíblia, quando os filisteus capturaram a Arca da Aliança, colocaram-na no templo de Dagom, em Asdode, mas no dia seguinte Dagom estava prostrado diante da arca. Foi como se Dagom reconhecesse o verdadeiro poder da divindade israelita.



No outro dia o ídolo estava prostrado, com cabeça e palmas das mãos cortadas, sobrando apenas o tronco. Com medo, e por causa de outras pragas, os filisteus levaram a Arca até Gate.





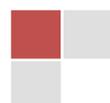
## O Templo de Moloque

Os povos da terra de Canaã adoravam vários deuses falsos. Moloque era um desses deuses, associado ao povo amonita. Moloque era, portanto, o deus dos amonitas. O nome Moloque provavelmente está ligado à palavra hebraica para rei, melek.



O ritual mais notório da adoração a Moloque era o sacrifício de crianças, que eram queimadas no fogo para agradar a esse deus. Além disso, o culto a Moloque envolvia as práticas típicas de outros rituais pagãos: imoralidade sexual e idolatria.

O templo de Moloque era um lugar terrível onde eram feitos sacrifícios de crianças. Surpreendentemente, até o Rei Salomão construiu um templo para Moloque. Isto serve como um



lembrete sombrio de que mesmo indivíduos sábios podem tomar decisões terríveis.

Os sacrifícios de crianças eram uma realidade horrível nos tempos antigos, e o Templo de Moloque era famoso pela sua associação com estes atos hediondos. Apesar de ser famoso pela sua sabedoria e bom senso, o Rei Salomão cometeu um erro fatal ao construir um templo para Moloque.

Este tempo sombrio do reinado do Rei Salomão é um lembrete preocupante das terríveis consequências que podem resultar da devoção aos “deuses”, mesmo para aquelas pessoas sábias e com posições de poder e influência.

O vale de Ben-Hinom, perto de Jerusalém, se tornou um dos lugares principais onde crianças eram queimadas para Moloque. Mais tarde, o rei Josias destruiu o santuário de Moloque em Ben-Hinom, que passou a ser usado como lugar para queimar lixo (2 Reis 23:10). No entanto, o sacrifício de crianças a Moloque não foi completamente eliminado e essa foi uma das razões por que os judeus foram castigados com o exílio.



## O Templo de Quemosh

Quemosh ou Camosh (dominador) era o deus nacional dos moabitas.

Moabe é o nome histórico de uma faixa de terra montanhosa no que é atualmente a Jordânia, ao longo da margem oriental do Mar Morto. Na Idade Antiga, pertencia ao Reino dos Moabitas, um povo que estava frequentemente em conflito com os seus vizinhos israelitas a oeste. Em Números 21.29, os moabitas são chamados de povo de Quemosh (Jr 48.46; IReis 11.7; 2Reis 23.13).

Monumentos e artefatos arqueológicos, como a Pedra Moabita (vide), também confirmam que Quemosh era a divindade nacional dos moabitas.

O nome "Camosh" aparece por doze vezes na Pedra Moabita. Ali as informações mostram que ele era considerado um selvagem deus da guerra. A tradição judaica afirma que essa divindade era adorada sob o símbolo de uma estrela negra, a qual, por sua vez, estava ligada a certas formas da idolatria dos árabes.

Ocasionalmente, Quemosh era aplacado por sacrifícios humanos (2Rs 3.27).

A proeminência do templo de Quemosh foi ainda mais enfatizada pela sua associação com o rei Salomão, que



surpreendentemente construiu um templo dedicado ao deus moabita.

Salomão construiu um lugar alto para Quemus, como também o fez para os deuses de suas várias esposas. O texto descreve Quemus como a abominação de Moabe (1Rs 11.7,33).

Josias destruiu o santuário desse deus cerca de trezentos anos depois (2Rs 23.13). Jeremias profetizou que Quemus e seus devotos seriam levados ao cativeiro (Jr 48.7), o que traria vergonha a seus adoradores (48.13).

Os israelitas foram explicitamente avisados para ficarem longe do Templo de Quemus. Para eles, era considerado o “lado ruim da cidade”. A presença deste templo representou um claro afastamento da adoração do único Deus verdadeiro. As advertências contra o envolvimento nas práticas associadas ao templo de Quemus serviram como um alerta para os israelitas permanecerem devotados à sua própria fé.



## O Templo de Rimom

Rimom (em hebraico: Rimmôn, "romã") era um deus arameu equivalente a Adade, o deus do trovão, chuva e tempestade. No Reino de Aram-Damasco, era chamado Baal, e na Assíria aparecia como Ramanu, "o trovão. Em Damasco havia um templo de Rimom (2 Rs 5.18).

Vários especialistas acham que Rimom (Ramã) não passa de um título do deus da tempestade, Hadade (Adade).1Rs 15:18.

Para os assírios, Ramã era primariamente um deus da tempestade e do trovão, associado mais destacadamente com os aspectos destrutivos da chuva e dos relâmpagos. Nos monumentos assírios, Ramã é retratado repetidas vezes como deus da guerra.

### HADADE-RIMOM

Nome próprio aplicado a BAAL. Hadadrimom era o maior dos deuses sírios. Seu nome é composto de HADADE, deus do trovão, e de RIMOM, deus do vento, da chuva e da tempestade. Esse Baal era o deus da fertilidade adorado em Canaã e na Síria. (Zc 12:11).



Naquele dia muitos chorarão em Jerusalém, como os que choraram em Hadade-Rimom no vale de Megido. Zacarias 12:11 (NVI).

Na Bíblia o relato mais conhecido sobre Rimom está relacionado com a cura de Naamã pelo profeta Eliseu.

Depois de Eliseu ter curado milagrosamente Naamã da sua lepra, o general ficou com um dilema – deveria continuar as suas obrigações religiosas no Templo de Rimom, uma divindade local adorada pelos sírios?

Naamã se viu numa encruzilhada onde sua recém-adquirida fé no Deus de Israel entrou em conflito com as práticas religiosas com as quais ele havia crescido. Ele procurou a orientação de Eliseu sobre esse assunto, sem saber se seria aceitável continuar visitando o templo de Rimom. Esta decisão teve um peso significativo, pois envolveria o reconhecimento público e a participação na adoração de outro deus.

Este cenário apresenta uma reviravolta intrigante na vida de Naamã e de todos aqueles que passam a crer no Evangelho. Exemplifica a tensão enfrentada pelos indivíduos quando as suas obrigações profissionais e sociais entram em conflito com as suas novas crenças. A pergunta sincera de Naamã demonstra sua devoção e desejo de alinhar suas ações com uma nova compreensão da fé.



## Os Templos dos Deuses Egípcios

Para os egípcios, sua terra era uma dádiva dos deuses, e eles atribuíam o seu conhecimento civilizatório a Osíris, um dos deuses mais conhecidos da nação. Eles acreditavam que Osíris havia sido quem os ensinou a agricultura, a como viver em sociedade, quem lhes transmitiu a cultura e ensinou as leis. Em suma, para os egípcios, todo o seu modo de vida civilizado provinha desse deus.



A Bíblia menciona o período dos israelitas no Egito, onde eram abundantes os templos dedicados a deuses como Rá, Ísis e Osíris. Estes grandes templos cheios de tesouros desempenharam um



papel significativo na vida cotidiana dos egípcios, criando uma cidade onde todos os outros edifícios pareciam um museu majestoso.

O esplendor e a magnificência dos templos dos deuses egípcios eram inspiradores. Esses templos, construídos para homenagear os deuses do antigo Egito, eram maravilhas arquitetônicas que mostravam as proezas artísticas e de engenharia da civilização. Dos imponentes pilares adornados com hieróglifos às intrincadas esculturas representando deuses e faraós, esses templos eram uma celebração visual do divino.

Os israelitas no Egito teriam sido cercados pela grandiosidade destes templos, testemunhando a devoção e as práticas religiosas dos antigos egípcios. Os templos serviam como centros de culto, onde eram realizados rituais e cerimônias para honrar e apaziguar os deuses.

Muitos desses templos foram dedicados ao deus sol Rá, à deusa da magia e da sabedoria Ísis, e ao deus da vida após a morte, Osíris.

1. Rá, muitas vezes retratado como uma figura com cabeça de falcão, era reverenciado como o criador do mundo e o portador da luz.
2. Ísis, conhecida por seu papel como curandeira e protetora, também foi mãe dos faraós.
3. Osíris, associado ao renascimento e ao submundo, foi uma figura proeminente na mitologia egípcia.

Além de Rá, Isis e Osíris, outros deuses eram cultuados no Egito: Amon, Anúbis, Bastet, Hórus, Hator, Néftis, Set e Tot.



Dentro das paredes dos templos aconteciam rituais e oferendas elaborados, perpetuando a crença no poder e no favor dos deuses. Os sacerdotes, considerados intermediários entre os deuses e o povo, mantinham os templos e realizavam as cerimônias religiosas. A vida quotidiana dos egípcios estava intimamente ligada à presença destes templos e às suas práticas religiosas.

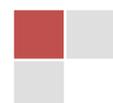
“Os grandes templos dedicados aos deuses egípcios eram um testemunho das fortes crenças religiosas e da identidade cultural dos antigos egípcios. Não eram apenas locais de culto, mas também serviam como centros de atividades sociais e políticas, reunindo comunidades em reverência aos seus deuses.”

### **O papel dos templos na vida diária**

Os templos dos deuses egípcios desempenharam um papel central na vida diária dos antigos egípcios. Não eram apenas locais de culto religioso, mas também centros de atividades sociais, culturais e políticas. Os templos proporcionavam um espaço para reuniões comunitárias, festivais e celebrações, promovendo um sentimento de unidade e identidade partilhada entre as pessoas.

Além de servirem como instituições religiosas, os templos também funcionavam como centros educacionais e centros administrativos.

Os sacerdotes, que detinham grande influência e conhecimento, atuavam como escribas, professores e conselheiros. Eles desempenharam um papel crucial na preservação e transmissão da sabedoria e do conhecimento dos antigos egípcios.



Os templos também foram fundamentais para facilitar o comércio. Serviam como centros económicos, onde pessoas de diferentes regiões se reuniam para trocar bens, realizar transações comerciais e prestar homenagem aos deuses através de oferendas e doações.

A importância dos templos estendeu-se além da esfera religiosa. Representavam o poder e a autoridade dos faraós, considerados governantes divinos. A construção e manutenção de grandes templos eram vistas como atos de devoção e lealdade aos deuses, reforçando a legitimidade dos faraós e a sua ligação divina.

Em resumo, os templos dos deuses egípcios não eram apenas maravilhas arquitetônicas, mas também parte integrante da estrutura da antiga sociedade egípcia. Eles ocuparam um lugar de destaque na vida cotidiana dos egípcios, moldando suas crenças, interações sociais e identidade cultural.



## Os Templos Pagãos no Novo Testamento

Templo de Artemis ou Templo de Diana - Descrito em Atos 19, este templo foi uma das sete maravilhas do Mundo Antigo, localizado em Éfeso. Era o maior templo do mundo antigo, e durante muito tempo o mais significativo feito da civilização grega e do helenismo, construído para a deusa grega Ártemis, da caça e dos animais selvagens. Foi construído no século VI a.C. no porto mais rico da Ásia Menor.

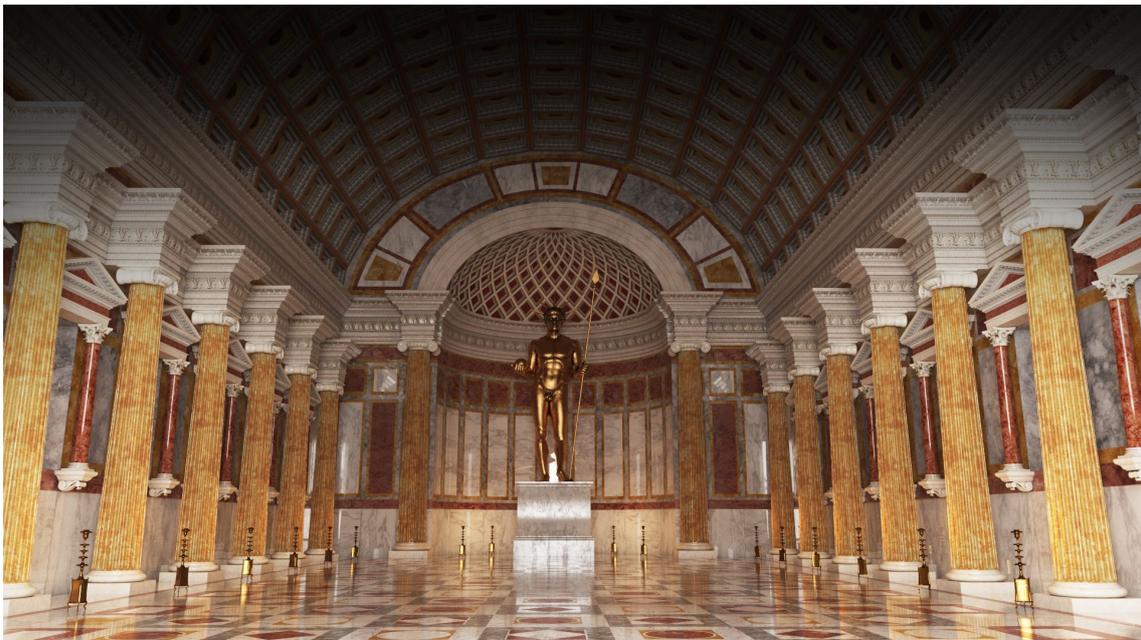


O templo era composto por 127 colunas de mármore, com 20 metros de altura cada uma. Duzentos anos mais tarde foi destruído por um grande incêndio.



## Santuário de Serapis em Alexandria

Mencionado em Atos 18:24, este santuário era dedicado ao deus egípcio Serapis, uma fusão de divindades egípcias e gregas.



O Santuário de Serapis, ou Serapeum de Alexandria, era um templo colossal e opulento dedicado ao deus Serapis, uma divindade greco-egípcia sincrética. Construído no século III a.C. por Ptolomeu III Euergetes, o santuário se tornou um dos principais centros religiosos e culturais do mundo antigo, atraindo peregrinos e estudiosos de todas as partes do Império Romano.

Descrito como o maior e mais belo templo de Alexandria, o Serapeum impressionava por sua grandiosidade. Uma série de colunas colossais ladeava a entrada, conduzindo a um pátio espaçoso. No centro, erguia-se o santuário interno, abrigando a estátua monumental de Serapis, esculpida em ouro e marfim.



Além de sua função religiosa, o Serapeum também abrigava uma das maiores bibliotecas da Antiguidade, rivalizando com a lendária Biblioteca de Alexandria. Acredita-se que sua coleção incluía centenas de milhares de pergaminhos, contendo obras de filosofia, história, literatura e medicina.

O Serapeum representava a fusão das culturas grega e egípcia, promovida pelos Ptolomeus. Serapis, divindade com características de ambos os panteões, simbolizava a harmonia entre os diferentes povos que habitavam Alexandria.

Em 415 d.C., durante o reinado de Teodósio I, o templo foi atacado por uma multidão enfurecida, que o considerava um símbolo da idolatria pagã.

O Serapeum serve como um lembrete da rica história cultural de Alexandria e da complexa interação entre religiões no mundo antigo.





## A Fusão de Deidades

O meu povo consulta a sua madeira, e a sua vara lhe responde, porque o espírito da luxúria os engana, e prostituem-se, apartando-se da sujeição do seu Deus. Oseias 4:12.

É verdade que a Bíblia apresenta algumas similaridades entre deuses pagãos de diferentes nações. Isso pode ser explicado por diversos fatores, entre eles:

1. **Influências Culturais:** Nações vizinhas frequentemente trocavam ideias e práticas religiosas, levando à adoção de deuses e divindades com características semelhantes.
2. **Arquétipos Universais:** Certas figuras divinas representavam conceitos universais, como guerra, amor ou fertilidade, levando a representações similares em diferentes culturas.
3. **Adaptação de Nomes:** Ao traduzir textos de diferentes línguas, os nomes dos deuses podem ter sido adaptados, obscurecendo sua origem comum.

É importante ressaltar que cada cultura possuía suas crenças e práticas únicas, mesmo quando compartilhando similaridades superficiais com outras religiões. A Bíblia frequentemente proíbe o culto a deuses pagãos, enfatizando a unicidade de Deus.



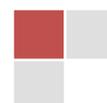
A divindade egípcia que contribuiu para a formação de Serapis, o deus greco-egípcio sincrético, não é uma única figura específica, mas sim uma fusão de diversos aspectos de várias divindades egípcias proeminentes.

O sincretismo religioso era bastante comum nas culturas antigas, onde diferentes povos com crenças distintas coexistiam e interagiam. Essa interação frequentemente levava à fusão de elementos religiosos, criando novas divindades e práticas que incorporavam características de diversas tradições. Entretanto, é importante lembrar que Serapis não era simplesmente uma cópia de uma divindade egípcia existente. Sua figura foi moldada pelas crenças e práticas gregas e egípcias, criando uma nova divindade única que refletia a fusão cultural do período helenístico.

### **Termos para Descrever a Fusão de Deidades**

Há diversos termos utilizados para descrever a fusão de deidades em diferentes contextos, entre eles:

1. **Henoteísmo** - Essa crença propõe a existência de um único deus supremo, mas reconhece a existência de outras divindades menores ou subordinadas. Essas divindades menores podem ser vistas como diferentes aspectos ou manifestações do deus supremo, representando diversas características e atributos.
2. **Sincretização** - Esse termo se refere ao processo de fusão de diferentes crenças e práticas em uma nova tradição religiosa. Essa fusão pode envolver a união de divindades, rituais, símbolos e cosmologias de diferentes origens.



3. Deidades Compostas - Em alguns casos, a fusão de deidades resulta em divindades com nomes compostos que combinam os nomes das divindades originais. Por exemplo, a deusa egípcia greco-romana Ísis-Deméter era uma combinação da deusa egípcia Ísis com a deusa grega Deméter.

4. Theoi Synkretikoi - Esse termo grego antigo se refere a deidades sincréticas, divindades que incorporavam características de diversas tradições religiosas.

### **Exemplos de Fusão de Deidades**

Amón-Rá: Essa divindade egípcia combinava Amón, deus do ar e da criação, com Rá, deus do sol.

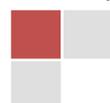
Ártemis-Efésia: Essa deusa greco-romana combinava Ártemis, deusa grega da caça e da lua, com a deusa anatólia de Éfeso.

Mitra-Sol Invictus: Essa divindade romana combinava Mitra, deus persa do sol, com Sol Invictus, personificação romana do sol inquebrável.

Baal-Zefom = (Êx 14.2; Nm 33.7). Ver também Baal-Berite, "Senhor da Aliança" (Jz 8.33; 9.4,46) e Baal-Zebube, "Senhor das Moscas" (2Rs 1.1-16). Baal-Peor quer dizer: "Senhor de Peor" mas pode ser traduzido por "senhor da lacuna" ou portal.

### **Conclusão**

A fusão de deidades era um fenômeno complexo e multifacetado nas culturas antigas, refletindo a interação cultural, a adaptação religiosa e a busca por significado em um mundo diverso e em constante mudança. Ao estudarmos esses processos de fusão,



podemos obter insights valiosos sobre a natureza da religião e sua relação com a identidade cultural e a experiência humana.



## Lições da Queda de Salomão

Salomão foi o homem mais sábio nos dias bíblicos. O rei começou muito bem a sua vida religiosa, demonstrando profunda comunhão e devoção ao SENHOR. Porém, depois de algum tempo, envolveu-se com muitas mulheres pagãs, tomando-as como esposas. Daí em diante a sua vida declinou à idolatria.

O episódio da queda de Salomão em 1 Reis 11:1-3 serve como um alerta poderoso para o povo de Deus em diversas áreas.

### 1. Humildade e Confiança em Deus

A sabedoria extraordinária de Salomão, embora um dom divino, não o protegeu da arrogância e do desvio da fé. Sua queda demonstra a importância da humildade e da constante dependência de Deus, reconhecendo que a sabedoria humana é limitada e que a verdadeira sabedoria vem do temor ao Senhor.

### 2. Perigo da Sedução e das Alianças Proibidas

O fascínio de Salomão pelas mulheres estrangeiras e seus deuses o levou a construir templos pagãos e a se envolver em práticas idólatras. Isso serve como um alerta sobre o perigo da sedução por crenças e práticas que divergem da fé em Deus único e verdadeiro. Alianças com aqueles que adoram outros deuses podem enfraquecer a fé e abrir caminho para a apostasia.



### 3. Obediência e Fidelidade

Salomão desobedeceu aos mandamentos claros de Deus sobre a idolatria e a miscigenação com povos pagãos. Sua queda demonstra as consequências graves da desobediência e da infidelidade aos princípios divinos. Obedecer a Deus e permanecer fiel aos seus ensinamentos é fundamental para uma vida abençoada e um relacionamento próspero com Ele.

### 4. Liderança e Influência

Como rei e líder de Israel, Salomão tinha a responsabilidade de ser um exemplo para o povo. Sua idolatria e desobediência influenciaram negativamente o reino, levando à divisão e enfraquecimento da fé. Líderes, sejam eles religiosos, políticos ou de qualquer outra esfera, devem ter cuidado para que suas ações e palavras não levem o povo que lideram ao erro.

### 5. Consequências a Longo Prazo

As ações de Salomão tiveram consequências duradouras para o reino de Israel, contribuindo para a sua divisão e queda. A história serve como um lembrete de que as escolhas que fazemos hoje podem ter um impacto significativo no nosso futuro e no futuro daqueles que nos rodeiam.

### Lições Adicionais

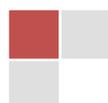
- A importância de um casamento fiel e de acordo com os princípios divinos (Provérbios 18:22).
- O perigo de se deixar levar pelas riquezas e pelo poder (1 Timóteo 6:10).



- A necessidade de discernir entre o bem e o mal (Hebreus 5:14).
- A importância de buscar sabedoria em Deus através da oração e da leitura da Bíblia (Tiago 1:5).

A história da queda de Salomão é um lembrete pungente da importância do cristão permanecer humilde, fiel e obediente a Deus. É um chamado para evitar a sedução de crenças e práticas pagãs, e para buscar sabedoria e orientação divina em todas as áreas da vida. Ao aprendermos com os erros de Salomão, podemos fortalecer nossa fé e evitar cair nas mesmas armadilhas.





## Palavras Finais

*No passado, quando não conhecíeis a Deus, éreis escravos daqueles que, por natureza, não são deuses - 1 Co 8:5.*

Vimos até aqui que os templos pagãos e os seus cultos influenciaram e desviaram Israel da adoração ao verdadeiro Deus.

Felizmente, a Igreja de Cristo, em Atos dos Apóstolos, deu a resposta cristã a esses templos, opondo-se à adoração pagã, ao mesmo tempo em que anunciava com intrepidez o evangelho do Reino de Deus. Os apóstolos e os primeiros cristãos se opunham à adoração nos templos pagãos e pregavam a necessidade de abandonar essas práticas e se voltar para o verdadeiro Deus.

Os cristãos nos dias apostólicos enfatizavam a importância de uma adoração pura e sincera, baseada na fé em Jesus Cristo e nos ensinamentos do Novo Testamento. Eles enfrentaram desafios e perseguições, mas perseveraram em sua missão de espalhar a mensagem do cristianismo.

Sabemos que até o dia estabelecido pelo SENHOR os poderes das trevas continuarão agindo no planeta, desviando multidões do verdadeiro Deus, atraindo os povos à idolatria.



O nosso desejo e oração é que este pequeno estudo tenha cumprido o seu papel de informar e despertar os leitores a uma vida de vigilância espiritual, fé, obediência e lealdade ao Deus único e verdadeiro. Que a cada dia sejamos mais santos e próximos do SENHOR.

Pense nisso e que Deus nos abençoe rica e abundantemente.  
Amém!



## Informações Adicionais - Os falsos deuses citados na Bíblia

Encontramos na Bíblia Sagrada vários nomes de falsos deuses adorados por nações pagãs.

Adrameleque e Anameleque = Deuses do povo de Sefarvaim (Mesopotâmia) - 2Rs 17.31.

Amom = Deus de Tebas (Egito) (Jr 46.25).

Aserá = Deusa da fertilidade, adorada pelos fenícios e pelos sírios, juntamente com Baal, o seu companheiro (Is 27.9). Na NTLH este nome é traduzido por Poste-ídolo (ver Êx 34.13; Dt 16.21; Jz 3.7; 6.25-28).

Asima = Deus do povo de Hamate (vale do Líbano)- 2Rs 17.30.

Astarote = Deusa da fertilidade e da guerra, adorada por vários povos (ver Jz 2.13; 1Sm 7.3; 1Rs 11.5; 2Rs 23.13); conhecida também pelos nomes de Astarte e Astorete.

Baal = Deus da fertilidade, adorado pelos cananeus (1Rs 18.1-40; Jr 7.9; 11.3), junto com a deusa Aserá. A palavra “baal” quer dizer “senhor”. Às vezes o nome Baal era seguido pelo nome da cidade ou região onde era adorado: ver Baal-Peor (Nm 25.5);



Baal-Zefom = (Êx 14.2; Nm 33.7). Ver também Baal-Berite, “Senhor da Aliança” (Jz 8.33; 9.4,46) e Baal-Zebube, “Senhor das Moscas” (2Rs 1.1-16).

Bel = o deus dos babilônios, era a forma aramaica de Baal (Isaías 46:1, Jeremias 50:2; 51:44). Significa “senhor”

Dagom = Deus dos filisteus (Jz 16.23; 1Sm 5.1-4).

Diana = Deusa da fertilidade, adorada por muitos povos; era conhecida também pelo nome de Artemisa (At 19.23-40).

Gade = A deusa cananéia da sorte, adorada junto com o deus Meni (Is 65.11).

Hadade-Rimom = O deus dos sírios (Zc 12.11), chamado também de Rimom (ver 2Rs 5.18).

Júpiter = Deus supremo dos romanos (At 14.11-12); o mesmo que Zeus, o deus dos gregos.

Marduque - Bel-Marduque (Jr 50.2). Bel = Deus dos babilônios (Is 46.1; Jr 51.44). A palavra “bel” quer dizer “senhor”.

Meni = O deus cananeu do destino, adorado junto com a deusa Gade (Is 65.11).

Mercúrio = O mensageiro dos deuses, no panteão romano (At 14.11-12).

Moloque = O deus dos amonitas (atual Jordânia) - 1Rs 11.7; 2Rs 23.13; At 7.43.

Nebo = Deus dos babilônios (Is 46.1).

Nergal = Deus do povo de Cuta (NE da Babilônia - 2Rs 17.30).



Neustã = A serpente de bronze, feita por Moisés (Nm 21.4-9), em cuja honra o povo de Israel queimava incenso (2Rs 18.4).

Nibaz = Deus do povo de Iva (noroeste da Babilônia) - 2Rs 17.31.

Nisroque = Deus dos assírios (2Rs 19.37; Is 37.38).

Quemos = Deus dos moabitas (Jordânia - Nm 21.29; 1Rs 11.7; 2Rs 23.13).

Quium = Deus dos assírios (Am 5.26); em At 7.43 Quium recebe o nome Raifã [ou Renfã].

Raifã [ou Renfã] = Senhor do planeta Saturno (At 7.43).

Rimom = Deus dos sírios (2Rs 5.18).

Sicute = Deus dos assírios (Am 5.26).

Sucote-Benote = Deus dos babilônios (2Rs 17.30).

Tamuz = Deus da vegetação, adorado pelos babilônios. De acordo com a crença popular, esse deus morria cada ano e depois voltava a viver (Ez 8.14).

Tartaque = Deus do povo de Iva (Noroeste da Babilônia) -2Rs 17.31.

Convém lembrar que as nações mudaram os nomes dos falsos deuses, mas o espírito por trás deles é o mesmo: o espírito do engano.





Templos Pagãos -

Uma Jornada na História e no Mistério

DENIS FROTA – Pastor sênior da Comunidade de Nova Vida em Itapajé-Ceará.

Imagens/fotos baixadas gratuitamente da internet, sem pretensão de direitos autorais.

Contato com o autor:

[denisfrota@novavida.net](mailto:denisfrota@novavida.net)

[www.novavida.net](http://www.novavida.net)



Denis Frota



UNIVERSIDADE  
DA FÉ

# TEMPLOS PAGÃOS